

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUAN PEREIRA BORGES

**TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
CONTRIBUIÇÕES DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Jaguarão - RS

2026

LUAN PEREIRA BORGES

**TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
CONTRIBUIÇÕES DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Gabriela Tornquist Mazzaferro

Jaguarão - RS

2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B732t Borges, Luan Pereira
 TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES DE
 CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA /
 Luan Pereira Borges.
 39 p.

 Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
 Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS, 2026.
 "Orientação: Gabriela Tornquist Mazzaferro".

 1. Variação Linguística. 2. Telejornalismo. 3. Ensino de
 Língua Portuguesa. 4. Jornalismo. I. Título.

LUAN PEREIRA BORGES

**TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
CONTRIBUIÇÕES DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras - Português da
Universidade Federal do Pampa (Unipampa),
como requisito parcial para obtenção do Título
de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Gabriela Tornquist
Mazzaferro

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Gabriela Tornquist Mazzaferro
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof. Dr^a. Camila Witt Ulrich
(UNIPAMPA)

Prof. Dr^a. Veridiana Pereira Borges
(IFSUL)



Assinado eletronicamente por **GABRIELA TORNQUIST MAZZAFERRO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/07/2026, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA WITT ULRICH, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2026, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Veridiana Pereira Borges, Usuário Externo**, em 10/07/2026, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2086972** e o código CRC **B80DE8D4**.

**TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
CONTRIBUIÇÕES DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**TELEVISION JOURNALISM AND LINGUISTIC VARIATION:
CONTRIBUTIONS OF NEWS CONTENT
TO PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING**

Luan Pereira Borges¹
Gabriela Tornquist Mazzaferro²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a utilização do telejornalismo como recurso pedagógico para a introdução do ensino de variação linguística no Ensino Fundamental II, analisando em que medida conteúdos telejornalísticos favorecem a compreensão dos estudantes acerca da diversidade linguística presente no português brasileiro. A pesquisa partiu da compreensão de que o telejornalismo, frequentemente associado à formalidade e à ideia de neutralização dos sotaques, também evidencia marcas regionais e diferentes formas de uso da língua, constituindo um recurso potencial para a educação linguística. A partir de uma abordagem qualitativa, foram desenvolvidas atividades didático-pedagógicas com estudantes do 6º ano A da Escola Municipal Faustino Lopes Ribeiro, localizada no município de Canarana, Bahia. O corpus da pesquisa foi constituído por entrevistas e relatos produzidos pelos estudantes antes, durante e após aulas expositivo-dialogadas sobre variação linguística, desenvolvidas a partir de conteúdos telejornalísticos, possibilitando analisar suas percepções acerca da diversidade linguística e do telejornalismo. Os resultados indicam que a utilização desses conteúdos favoreceu o reconhecimento da diversidade linguística, ampliou a compreensão dos estudantes sobre as diferentes variedades do português brasileiro e evidenciou o potencial do telejornalismo como recurso metodológico para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente na introdução dos estudos sobre variação linguística e na promoção de uma educação linguística crítica.

Palavras-chave: Telejornalismo; Variação Linguística; Educação Linguística; Ensino de Língua Portuguesa; Ensino Fundamental II.

¹ Jornalista pelo Centro Universitário Social da Bahia (Unisba); Graduando em Letras - Português e Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Email: luanborges.aluno@unipampa.edu.br.

² Doutora e Mestra em Letras - Linguística Aplicada - pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão-RS. Email: gabrielatornquist@unipampa.edu.br.

ABSTRACT

This article presents an experience report on the use of television news as a pedagogical resource for introducing the teaching of linguistic variation in middle school (grades 6-9), analyzing the extent to which television news content favors students' understanding of the linguistic diversity present in Brazilian Portuguese. The research stemmed from the understanding that television news, often associated with formality and the idea of neutralizing accents, also reveals regional markers and different ways of using language, constituting a potential resource for language education. Using a qualitative approach, didactic-pedagogical activities were developed with 6th-grade students from the Faustiniano Lopes Ribeiro Municipal School, located in the municipality of Canarana, Bahia. The research corpus consisted of interviews and accounts produced by the students before, during, and after expository-dialogical classes on linguistic variation, developed from television news content, allowing for the analysis of their perceptions about linguistic diversity and television news. The results indicate that the use of this content fostered the recognition of linguistic diversity, broadened students' understanding of the different varieties of Brazilian Portuguese, and highlighted the potential of television journalism as a methodological resource for teaching Portuguese, especially in introducing studies on linguistic variation and promoting critical language education.

Keywords: Television journalism; Linguistic variation; Language education; Portuguese language teaching; Middle school.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões acerca do ensino de Língua Portuguesa têm incorporado de maneira cada vez mais consistente a compreensão de que a língua é um fenômeno dinâmico, heterogêneo e socialmente situado. Não obstante que Bagno (2007) destaca que a língua é variada, diversa. Para ele, essa perspectiva não representa um desvio ou erro, mas uma característica constitutiva de todas as línguas naturais, o que reflete a diversidade social, histórica e cultural dos seus falantes. Complementarmente, Marcuschi (2008) ressalta que a linguagem deve ser compreendida a partir das práticas sociais nas quais se realiza, enfatizando que os sentidos são construídos no uso efetivo da língua em contextos reais de interação. Dessa forma, o autor reforça a necessidade de aproximar o ensino de Língua Portuguesa das situações concretas de comunicação.

Considerando essa perspectiva, torna-se pertinente recorrer a gêneros que circulam amplamente na sociedade e que colocam os estudantes em contato com os

usos autênticos da linguagem. Entre eles, destaca-se o telejornalismo que, embora historicamente vinculado à televisão, ampliou significativamente sua circulação com o avanço das plataformas digitais. Nesse contexto, Poell, Nieborg e Van Dijck (2019, p. 5) definem a plataformação como a "penetração das infraestruturas econômicas, governamentais e informacionais das plataformas em diferentes setores da sociedade", acompanhada da "reorganização das práticas culturais em torno dessas plataformas".

Como resultado desse processo, telejornais como o *Jornal Nacional*, o *Jornal da Globo* e o *Jornal da Record*, por exemplo, passaram a disponibilizar suas principais reportagens também em plataformas digitais e redes sociais, como o Instagram, ampliando o alcance das notícias para além da televisão aberta. Nesse cenário, o telejornalismo mantém sua relevância social por reunir diferentes usos da língua em contextos reais de comunicação. Embora frequentemente associado à formalidade, esse gênero também evidencia diferentes registros e marcas da diversidade linguística presentes em reportagens, entrevistas e coberturas regionais, constituindo-se como um recurso relevante para o ensino de Língua Portuguesa.

A partir dessas nuances que relacionam a variação linguística, o ensino de Língua Portuguesa e o telejornalismo, este artigo faz um relato de prática que busca investigar o uso desse gênero como recurso pedagógico para a introdução do tema trabalhado por autores como Bagno e Marcuschi, por exemplo, no Ensino Fundamental II. Para tanto, busca-se entender “em que medida os conteúdos telejornalísticos contribuem para a compreensão das diferentes manifestações da língua e para a construção das crenças e atitudes dos estudantes em relação à linguagem”. Para tanto, cabe referir que a abordagem se dá sob o seguinte ponto de vista: o autor deste estudo, além de ser professor de língua portuguesa da turma que serviu como foco, é, também, jornalista.

Para tanto, a presente pesquisa foi desenvolvida com a turma do 6º ano A (22 alunos com idades de 11 e 12 anos) da Escola Municipal Faustiniano Lopes Ribeiro, localizada no município de Canarana, no interior da Bahia, mais especificamente no Sertão baiano. O estudo foi realizado nesta instituição por se tratar da maior escola da rede municipal, razão pela qual, consequentemente, lhe é atribuída a demanda de atendimento a aproximadamente 700 estudantes. Além disso, esses alunos são provenientes de diferentes comunidades urbanas e rurais. Nesse sentido, a escola caracteriza-se pela expressiva diversidade sociocultural e linguística, o que, por sua

vez, a torna um contexto particularmente relevante para o desenvolvimento deste estudo.

Essa discussão torna-se ainda mais relevante pelo fato de ter a sua aplicação em uma escola situada no interior da Bahia, considerando que, conforme Bagno (2007), o preconceito linguístico no Brasil frequentemente se manifesta na estigmatização dos falares nordestinos, reforçando a importância de promover, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental II, práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e contribuam para a desconstrução de estereótipos.

Ressalta-se que a escolha pelo 6º ano do Ensino Fundamental se justifica por se tratar da etapa inicial do Ensino Fundamental II, momento em que os estudantes passam a sistematizar a compreensão da língua como fenômeno social, histórico e variável. Nesse período, torna-se oportuno introduzir os estudos sobre variação linguística, em consonância com as habilidades EF69LP50, EF69LP52, EF69LP55 e EF69LP56, presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ulrich, Mazzaferro e Simioni (2023), por exemplo, destacam que, além da BNCC, documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), reconhecem a variação linguística como um conteúdo essencial no ensino de Língua Portuguesa, por favorecer o desenvolvimento da consciência linguística, da competência discursiva e o respeito à diversidade de usos da língua. Esse entendimento fundamenta a proposta deste estudo, que utiliza o telejornalismo como recurso para promover reflexões sobre a língua em seus contextos reais de uso.

Para atender ao objetivo proposto, a investigação, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida com base na utilização de conteúdos audiovisuais de telejornais apresentados por jornalistas da TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado, provenientes das regiões de Salvador, Juazeiro e Vitória da Conquista. A seleção desses materiais considerou a localização geográfica das cidades, situadas em diferentes extremos do território baiano, embora pertencentes ao mesmo estado, o que possibilitou a observação de diferentes manifestações da variação linguística sem recorrer a conteúdos de outras unidades da federação. A pesquisa foi realizada na primeira quinzena de junho de 2026, tendo como *corpus* as respostas dos estudantes a dois questionários semiestruturados aplicados em momentos distintos do estudo.

O percurso metodológico foi dividido em algumas etapas: inicialmente, foi aplicado um questionário composto por dez perguntas, com o objetivo de identificar

os conhecimentos prévios dos estudantes sobre telejornalismo e variação linguística. Em seguida, foram realizadas aulas expositivo-dialogadas com a utilização dos conteúdos telejornalísticos selecionados. Posteriormente, foi aplicado um segundo questionário semiestruturado, também composto por dez perguntas com a finalidade de verificar possíveis mudanças nas percepções dos estudantes após as aulas. As respostas, fornecidas de forma oral pelos participantes, foram registradas por escrito pelo pesquisador, sem gravações em áudio ou vídeo, em razão de se tratar de menores de idade, sendo assegurado o anonimato e o uso exclusivo dos dados para fins acadêmicos.

Dessa forma, considerando o foco deste estudo, que é a análise do uso de conteúdos telejornalísticos como recurso pedagógico para o ensino de variação linguística no 6º ano do Ensino Fundamental II, apresentam-se os resultados indicando que a utilização desses materiais favoreceu a ampliação da percepção dos estudantes acerca da diversidade linguística. Tal mecanismo contribuiu para o reconhecimento de diferentes variedades do português brasileiro e para uma compreensão mais crítica dos usos da língua em contextos reais de comunicação, como no telejornalismo, por exemplo.

Para a sistematização das discussões, da apresentação, da investigação e dos seus resultados, o artigo está estruturado em três seções principais, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção é intitulada “Variação linguística no contexto escolar”, a qual apresenta fundamentos teóricos sobre a língua como fenômeno social, heterogêneo e variável. Já a segunda seção, “Telejornalismo e variação linguística”, discute as relações entre o telejornalismo, os diferentes usos da língua e suas potencialidades para o ensino da Língua Portuguesa. A terceira seção trata dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e, além disso, apresenta os resultados e suas análises a partir dos dados coletados por meio das entrevistas. Por fim, destaca-se que este artigo integra o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Letras – Português e Literaturas, Polo Jaguarão, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

O Brasil é um país de dimensões continentais, ocupando uma área de aproximadamente 8,5 milhões de km² e configurando-se como o quinto maior país do

mundo em extensão territorial, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, de acordo com o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo mesmo instituto, o país possui mais de 203 milhões de habitantes, distribuídos em diferentes regiões marcadas por distintas características históricas, culturais e sociais.

Somada à diversidade populacional, a trajetória histórica brasileira, marcada por processos de colonização, migrações, contatos linguísticos e transformações sociais ao longo de mais de cinco séculos, contribuiu para a constituição de uma ampla diversidade de falares. Nesse contexto, torna-se difícil imaginar a existência de uma única forma homogênea de utilização da língua portuguesa em todo o território nacional. Afinal, conforme afirma Bagno (2007, p. 4), as línguas apresentam uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável e mutável, mantendo estreita relação com os contextos sociais em que são utilizadas.

A compreensão da variação linguística como característica inerente às línguas ganhou força com os estudos da Sociolinguística, especialmente a partir da década de 1960, por meio das pesquisas desenvolvidas por William Labov. Embora publicados originalmente nesse período, seus estudos permanecem como referência ao demonstrar que a heterogeneidade constitui uma característica natural das línguas (Labov, 2008). Ao contestar a concepção de língua como um sistema homogêneo, o autor evidenciou que fatores sociais e culturais influenciam os usos linguísticos dos falantes, contribuindo para a compreensão da língua como um fenômeno essencialmente social. Como afirma Labov (2008, p. 215), "a sociolinguística concebe a língua como um instrumento de comunicação usado por uma comunidade de fala, e não como um sistema abstrato que existe independentemente dos falantes". Nesse sentido,

a comunidade de fala não é definida por qualquer acordo marcado no uso dos elementos da linguagem, mas sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo e pela uniformidade de padrões abstratos de variação (Labov, 2008, p. 150).

As reflexões propostas por Labov permitem compreender que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória, mas está relacionada aos diferentes grupos sociais e às práticas comunicativas compartilhadas pelos falantes. Nesse sentido, as diversas formas de utilização da língua observadas em uma comunidade

refletem os aspectos históricos, culturais e sociais que caracterizam seus membros. A língua, portanto, não pode ser entendida como um sistema estático, mas como uma prática social em constante transformação.

No contexto brasileiro, conforme exposto anteriormente, essa compreensão é particularmente relevante diante da diversidade cultural e linguística que caracteriza o país. Sob a perspectiva da Linguística, a variação linguística é compreendida como uma característica inerente às línguas naturais, refletindo a diversidade dos falantes e dos contextos de uso. Ao discutir a natureza das línguas, Bagno (2007, p. 4) afirma que elas apresentam uma realidade "intrinsecamente heterogênea, variável, mutante e com estreito vínculo social". Tal perspectiva reforça a ideia de que a variação linguística constitui um fenômeno natural e inevitável, decorrente tanto da dinâmica interna da língua quanto das transformações vivenciadas pelas comunidades que a utilizam.

Nessa mesma direção, Bagno (2007, p. 46) destaca que "toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades". Assim, as diferentes variedades do português brasileiro não devem ser compreendidas como desvios em relação a um modelo ideal de língua, mas como manifestações legítimas.

Apesar de a variação constituir uma característica natural das línguas, nem todas as variedades linguísticas recebem o mesmo reconhecimento social. Algumas formas de falar são valorizadas e associadas ao prestígio social, enquanto outras são frequentemente alvo de discriminação e estigmatização. Ao discutir essa questão, Bagno (2007, p. 15) afirma que o preconceito linguístico está relacionado à crença de que existe apenas uma maneira correta de utilizar a língua, desconsiderando a diversidade linguística existente entre os falantes. Nessa perspectiva, o julgamento negativo direcionado a determinadas variedades não se fundamenta em critérios linguísticos, mas em fatores sociais, econômicos e culturais associados aos grupos que as utilizam.

No contexto brasileiro, os falares nordestinos, por exemplo, figuram entre os exemplos mais recorrentes de estigmatização linguística. Para Bagno (2007), o preconceito linguístico frequentemente funciona como uma forma disfarçada de preconceito social e regional, atingindo populações historicamente marginalizadas. Assim, críticas dirigidas aos sotaques e às variedades linguísticas do Nordeste não

representam avaliações sobre a língua em si, mas refletem visões estereotipadas acerca dos próprios falantes. Conforme ressalta o autor, nenhuma variedade linguística é intrinsecamente superior à outra, uma vez que todas atendem de maneira eficiente às necessidades comunicativas de suas comunidades de fala. Reconhecer essa diversidade constitui um passo fundamental para a construção de práticas educativas mais inclusivas e para o combate às diferentes formas de discriminação presentes na sociedade.

Ademais, a estigmatização de determinadas variedades linguísticas está diretamente relacionada às relações de poder presentes na sociedade. Embora a Linguística reconheça que todas as variedades são igualmente legítimas do ponto de vista comunicativo, algumas delas acabam adquirindo maior prestígio social por estarem associadas a grupos economicamente favorecidos e a instituições socialmente valorizadas. Nesse contexto, a chamada norma-padrão ocupa posição de destaque, sendo frequentemente apresentada como a única forma correta de utilização da língua, enquanto outras variedades passam a ser vistas de maneira negativa.

Entretanto, é importante destacar que a norma-padrão não deve ser compreendida como superior às demais variedades linguísticas. Conforme observa Bagno (2007), sua valorização decorre muito mais de fatores históricos, sociais, políticos e econômicos do que de características propriamente linguísticas. Dessa forma, a oposição entre norma-padrão e variação linguística constitui uma falsa dicotomia, uma vez que ambas integram o funcionamento da língua. Enquanto a norma-padrão desempenha importantes funções em contextos formais de comunicação, as demais variedades expressam a diversidade cultural e social dos falantes, sendo igualmente legítimas em seus contextos de uso.

O reconhecimento da diversidade linguística também encontra respaldo nos documentos oficiais que orientam a educação básica brasileira. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II, incorpora a variação linguística como objeto de conhecimento e propõe o desenvolvimento de habilidades relacionadas à análise dos diferentes usos da língua, ao combate ao preconceito linguístico e à valorização da diversidade cultural. Ao contemplar habilidades como EF69LP50, EF69LP52, EF69LP55 e EF69LP56, o documento evidencia a necessidade de promover práticas pedagógicas que possibilitem aos

estudantes compreender a língua em sua dimensão social, histórica e cultural, reconhecendo a legitimidade das diferentes variedades do português brasileiro.

Quadro 1 - Habilidades da BNCC relacionadas à Variação Linguística no 6º ano EFII

Código	Habilidades
EF69LP50	Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática. (p. 159)
EF69LP52	Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação. (p. 159)
EF69LP55	Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (p. 161)
EF69LP56	Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (p. 159)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da BNCC.

Embora a BNCC reconheça a importância da diversidade linguística e proponha habilidades voltadas à reflexão sobre os diferentes usos da língua, a abordagem da variação linguística no contexto escolar ainda representa um desafio para o ensino de Língua Portuguesa. Historicamente, a escola brasileira esteve associada à valorização da norma-padrão, o que, muitas vezes, contribuiu para a desvalorização das variedades linguísticas trazidas pelos estudantes para a sala de aula. Essa perspectiva pode ser observada em situações cotidianas em que formas de falar utilizadas pelos alunos são corrigidas mesmo em contextos informais de interação, reforçando a ideia de que apenas a variedade padrão seria legítima. Nesse cenário, torna-se fundamental compreender que o ensino da língua materna não deve ignorar a diversidade linguística presente na sociedade, mas utilizá-la como ponto de partida para a construção do conhecimento linguístico.

Ao discutir essa questão, Bortoni-Ricardo (2005) destaca que a escola recebe alunos pertencentes a diferentes comunidades de fala, portadores de saberes linguísticos construídos em seus contextos familiares e sociais. Para a autora, o papel

da instituição escolar não consiste em substituir a variedade utilizada pelo estudante pela norma-padrão, mas em ampliar sua competência comunicativa, possibilitando o acesso a diferentes formas de uso da língua. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa deve promover o reconhecimento e a valorização das variedades linguísticas dos alunos, ao mesmo tempo em que oportuniza o domínio das práticas linguísticas socialmente prestigiadas. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo aponta que:

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15).

Essa perspectiva reforça a necessidade de que a escola reconheça a diversidade linguística presente em seu espaço e desenvolva práticas pedagógicas que valorizem os conhecimentos linguísticos trazidos pelos estudantes. Nessa direção, Bortoni-Ricardo (2005) argumenta que o ensino de Língua Portuguesa deve possibilitar ao aluno o acesso a diferentes formas de uso da língua, ampliando seu repertório comunicativo sem desqualificar a variedade linguística que utiliza em seu cotidiano. Assim, o papel da escola não consiste em substituir uma forma de falar por outra, mas em promover a reflexão sobre os diferentes contextos de uso da linguagem e sobre os valores sociais atribuídos às variedades linguísticas. A autora coloca, ainda, que

erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, e cultura de letramento, como que cultivada na escola. é no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra estigmatizada e o professor intervém fornecendo a variedade padrão que as duas variedades se justapõem em sala de aula (Bortoni-Ricardo, 2005, p.37).

A reflexão proposta por Bortoni-Ricardo evidencia que muitas das formas classificadas como "erros" resultam, na realidade, do contato entre diferentes variedades linguísticas presentes na sociedade. Nesse contexto, a escola ocupa um papel fundamental ao promover o diálogo entre a variedade utilizada pelos alunos em seus contextos familiares e comunitários e as formas linguísticas valorizadas em situações formais de comunicação. Mais do que corrigir determinadas construções

linguísticas, cabe à instituição escolar possibilitar a compreensão dos diferentes contextos de uso da língua, favorecendo o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Nessa perspectiva, o estudo da variação linguística na escola não implica abandonar o ensino da norma-padrão, mas compreender que ela constitui apenas uma das variedades que compõem o repertório linguístico da língua portuguesa. Ao reconhecer a legitimidade das diferentes formas de expressão dos falantes, o ensino de Língua Portuguesa contribui para o combate ao preconceito linguístico e para a valorização da diversidade sociocultural presente na sociedade brasileira.

Entre os diferentes níveis em que a variação linguística se manifesta, destaca-se a variação fonética-fonológica, que se refere às diferenças na realização dos sons da fala, perceptíveis na pronúncia de vogais e consoantes, na entonação, no ritmo e na prosódia. Segundo Bisol (2002; 2005), essa variação manifesta-se por meio de processos fonológicos variáveis que incidem sobre os segmentos sonoros da língua, como a palatalização, o alçamento vocálico, a assimilação e a redução vocálica, fenômenos condicionados por fatores estruturais e, quando observados em uso, também por fatores sociais. Essas características variam conforme o contexto de produção da fala, sem comprometer a comunicação entre os falantes.

Esses processos contribuem para a constituição dos sotaques, entendidos como o conjunto de características fonéticas e prosódicas que identificam a fala de determinados grupos sociais ou regiões (Bagno, 2007). Por manifestarem-se na oralidade, podem ser observados em situações reais de comunicação, como no telejornalismo, que reúne profissionais de diferentes localidades e possibilita aos estudantes identificar e refletir sobre a diversidade linguística presente no português brasileiro.

3 TELEJORNALISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A televisão ocupa um papel central na formação cultural e social da sociedade brasileira, constituindo-se, ao longo das últimas décadas, como um dos meios de comunicação mais presentes no cotidiano da população. Desde sua popularização, especialmente a partir da década de 1960, ela passou a integrar de forma contínua a rotina dos lares brasileiros, tornando-se uma das principais fontes de informação e entretenimento (Ortiz, 1991). Essa presença constante fez com que diferentes formas

de uso da linguagem em situações reais de comunicação se tornassem familiares aos telespectadores. Elementos como a escolha vocabular, a entonação, a pronúncia e a postura comunicativa dos profissionais da televisão acabam despertando a atenção para a diversidade de usos da língua. Nesse cenário, o telejornalismo se destaca como um espaço privilegiado para a observação dessas manifestações linguísticas, cujo potencial de análise se mantém relevante mesmo diante das transformações da televisão brasileira ao longo do tempo.

Além de seu potencial para a observação da linguagem em uso, o telejornalismo ocupa uma posição de destaque no cotidiano social por estabelecer uma conexão constante entre os acontecimentos noticiados e a realidade vivida pelos telespectadores. Questões relacionadas à comunidade, aos serviços públicos, à educação, ao trabalho e a outras dimensões da vida social tornam-se mais próximas quando apresentadas em contextos familiares ao público, favorecendo processos de identificação e reconhecimento.

Conforme destaca Fischer (2001, p. 56), os espectadores produzem significados a partir dos conteúdos que assistem, não ocupando uma posição meramente passiva diante da mídia. Nesse sentido, o contato cotidiano com reportagens, entrevistas e demais produções jornalísticas amplia não apenas o acesso à informação, mas também a percepção de diferentes práticas comunicativas presentes na esfera pública, o que torna o telejornalismo um objeto relevante para reflexões sobre linguagem e usos da língua em contextos reais de interação.

Na sociedade contemporânea, marcada pela expansão das tecnologias da informação e da comunicação, os meios de comunicação assumem papel central na circulação de conhecimentos, valores e práticas sociais. Entre eles, a televisão continua ocupando posição de destaque, mesmo diante do avanço das redes sociais. Esse meio caracteriza-se por seu amplo alcance e pela presença constante no cotidiano de diferentes faixas etárias, seja por meio da programação televisiva, seja pela circulação de seus conteúdos em plataformas digitais.

A relevância desse meio pode ser observada também nos índices de credibilidade atribuídos pelo público aos veículos tradicionais de comunicação. Dados divulgados em pesquisa realizada em 2025 pela Ponto Map, empresa de pesquisa e análise de dados voltada ao monitoramento de opinião pública e comportamento digital, em parceria com a V-Tracker, plataforma especializada em inteligência de dados e monitoramento de mídia, apontam que a TV aberta apresenta 69% de

credibilidade entre os brasileiros, superando as redes sociais, que registraram 41% de confiança. O levantamento também indica que o jornalismo profissional permanece entre as fontes de informação mais confiáveis para a população brasileira, mesmo diante da expansão dos ambientes digitais.

Dessa forma, em meio a um contexto marcado pela rápida circulação de informações e pela disseminação de notícias falsas, especialmente nas redes sociais, o jornalismo profissional reafirma sua importância como fonte de informação confiável para a população. Além disso, a presença da televisão ultrapassa os limites da transmissão tradicional, uma vez que reportagens exibidas nos telejornais passam a circular amplamente em plataformas digitais, alcançando novos públicos. Essa dinâmica pode ser observada em programas de grande audiência, como o Jornal Nacional, veiculado na Rede Globo de televisão, cujos conteúdos são frequentemente compartilhados em redes sociais e portais de notícias, evidenciando a capacidade de adaptação do telejornalismo aos novos hábitos de consumo da informação.

Além de sua relevância como fonte de informação e de sua capacidade de adaptação aos novos ambientes digitais, a televisão também tem despertado o interesse de pesquisadores das áreas da educação e da linguagem. Entre os diversos aspectos investigados, destaca-se seu potencial pedagógico, especialmente por possibilitar o contato dos estudantes com situações reais de comunicação e com diferentes formas de uso da língua em circulação na sociedade. No caso do telejornalismo, essa discussão ganha ainda mais relevância, uma vez que a notícia é construída predominantemente por meio da linguagem oral, o que oferece possibilidades de reflexão sobre práticas discursivas presentes no cotidiano dos alunos.

Entre os estudos que se dedicaram a essa temática, destaca-se a dissertação de mestrado desenvolvida por Santos (2010), voltada ao ensino de variação linguística a partir de programas televisivos. A autora apresenta a televisão como um dos meios de maior difusão coletiva, com forte inserção na produção cultural e na circulação de informações e conhecimentos. Mais do que reconhecer sua presença na vida social, Santos evidencia a viabilidade de utilizar conteúdos televisivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa e para a reflexão sobre os usos da linguagem em contexto escolar.

Ressalta-se que a pesquisa de Santos (2010) foi desenvolvida em um período anterior à consolidação das redes sociais como principal espaço de circulação de

conteúdos e informações. Ainda assim, a televisão já era compreendida como um recurso relevante para práticas pedagógicas. Na contemporaneidade, essa relevância se mantém, sobretudo porque seus conteúdos não se restringem mais à transmissão tradicional, passando a circular também em plataformas digitais e ampliando as possibilidades de utilização de materiais audiovisuais em contextos educativos. Nesse contexto, destaca-se a discussão sobre o aproveitamento pedagógico dessas linguagens no ambiente escolar. Para Costa (2005, p. 21), a escola precisa ultrapassar os limites de uma cultura centrada exclusivamente na escrita e aproximar-se das linguagens audiovisuais e tecnológicas que permeiam o cotidiano dos estudantes.

Entre os diversos gêneros audiovisuais que podem ser incorporados ao contexto escolar, o telejornalismo apresenta características que o tornam especialmente relevante para o ensino da Língua Portuguesa. Ao articular informação, oralidade e situações concretas de interação, esse gênero possibilita a observação de diferentes usos da língua em circulação na sociedade. Segundo Bonner (2009, p. 126), o texto telejornalístico deve aproximar-se da fala cotidiana, uma vez que “as pessoas não falam da mesma forma que escrevem”. Dessa maneira, a linguagem utilizada nos telejornais busca estabelecer um equilíbrio entre a clareza exigida pela comunicação jornalística e a naturalidade necessária à interação com o público, o que reforça seu potencial como recurso para a análise dos usos reais da língua em diferentes situações comunicativas.

Entretanto, a aproximação entre a linguagem jornalística e a fala cotidiana não eliminou a busca por determinados padrões de pronúncia na televisão brasileira. Mendes (2006, p. 20) observa que o telejornalismo nacional foi construído a partir de tentativas de suavização e neutralização dos sotaques, especialmente entre profissionais que atuavam em rede nacional. Essa prática foi reforçada por projetos de padronização desenvolvidos por grandes emissoras, baseados na ideia de que uma fala mais uniforme facilitaria a compreensão da notícia em diferentes regiões do país. Um exemplo disso foi a criação de uma proposta da Globo chamada Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas³ (Prodetaf), criado em 1983 (Ribeiro, 2004, p. 123).

³ O Prodetaf teve o objetivo de “minimizar as distorções entre diferentes regiões do Brasil e criar um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo” (Ribeiro, 2004, p.123). Com o projeto, a emissora efetivou uma divisão no jornalismo da casa, entre o que era produzido localmente e o que era feito para ser veiculado em cadeia nacional, justificando tal decisão pela necessidade de capacitar e de aperfeiçoar os jornalistas, a partir do acompanhamento de

Do ponto de vista dos estudos linguísticos, a noção de neutralidade linguística mostra-se problemática. Como destacam Lira, Ramos e Roazzi (2015), o sotaque constitui uma marca identitária associada às experiências socioculturais dos falantes, sendo impossível a existência de uma fala completamente desprovida de traços regionais. Além disso, Bagno (2007, p. 4) afirma que toda língua é naturalmente heterogênea, variável e mutável, refletindo a diversidade dos grupos que a utilizam. Desse modo, ainda que determinadas práticas jornalísticas tenham buscado minimizar essas marcas de fala, a variação linguística permanece presente nos usos da língua que circulam nos meios de comunicação.

A persistência, por muito tempo, de tentativas de uniformização da fala nos meios de comunicação relaciona-se a processos históricos de valorização de determinadas variedades linguísticas em detrimento de outras. Ao discutir a expansão das grandes redes de televisão, Priolli (2000, p. 19) observa que a difusão nacional de conteúdos produzidos principalmente no eixo Rio-São Paulo contribuiu para a circulação de referências culturais e linguísticas associadas a essas regiões. Dessa forma, a televisão não apenas reproduz usos da língua, mas também participa da construção de modelos de prestígio linguístico que influenciam a percepção social sobre os diferentes modos de falar. Esse processo evidencia a relação entre linguagem, identidade e diversidade linguística.

Embora a busca por uma fala considerada neutra tenha marcado parte da história do telejornalismo brasileiro, observa-se, nas últimas décadas, uma maior valorização da diversidade regional. Um exemplo desse movimento ocorreu em 2019, quando o Jornal Nacional realizou uma edição especial em comemoração aos seus 50 anos, convidando jornalistas de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal para apresentar o telejornal. A iniciativa evidenciou a presença de diferentes sotaques e modos de falar em um dos principais telejornais do país, demonstrando uma abertura à diversidade linguística regional. Essa mudança pode ser relacionada ao fortalecimento dos estudos sobre variação linguística e ao reconhecimento de que os diferentes falares do português brasileiro constituem expressões legítimas da identidade cultural e linguística de seus falantes.

fonoaudiólogos (Ribeiro, 2004). Entre as ações do projeto, esteve ações com profissionais da voz para a minimização ou padronização dos sotaques a fim de potencializar o que, à época, foi chamado de “padrão Globo de Telejornalismo”.

A influência dos meios de comunicação sobre as percepções linguísticas não ocorre de forma automática ou passiva. Ao discutir os estudos de recepção televisiva, Fischer (2001, p. 56) destaca que os espectadores, inclusive crianças e adolescentes, produzem interpretações próprias a partir dos conteúdos que assistem. Para a autora, o público é capaz de construir significados complexos sobre aquilo que vê, o que evidencia a importância de compreender os estudantes como sujeitos ativos diante das mídias e não apenas como receptores de informações. Nessa perspectiva, o telejornalismo pode constituir um importante recurso pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa, ao possibilitar a observação dos diferentes usos da língua e a reflexão sobre questões como variação linguística, identidade e preconceito linguístico.

Essa potencialidade se evidencia ao se observar a própria composição dos telejornais. Embora o telejornalismo tenha sido historicamente associado a práticas de padronização da fala e à valorização de determinadas variedades linguísticas, sua dinâmica de funcionamento revela uma realidade mais complexa. Os telejornais não são constituídos apenas pelas falas de apresentadores e âncoras, mas também por reportagens produzidas em diferentes regiões do país, entrevistas com sujeitos de distintas origens socioculturais e coberturas que colocam em circulação múltiplas formas de uso da língua. Assim, mesmo em um ambiente marcado pela busca de uniformização, a diversidade linguística brasileira permanece presente nas diferentes vozes que participam da construção da notícia. Nesse sentido, o telejornalismo constitui um exemplo concreto da heterogeneidade linguística descrita por Bagno (2007, p. 4), permitindo observar, em situações reais de comunicação, a coexistência de diferentes variedades do português brasileiro.

A utilização de materiais audiovisuais no contexto escolar, contudo, não deve ser compreendida como uma solução automática para os desafios do ensino. Conforme afirma Napolitano (2007), a inserção de diferentes linguagens na prática pedagógica exige planejamento e objetivos bem definidos. O potencial educativo desses recursos está diretamente relacionado às estratégias de mediação desenvolvidas pelo professor. No caso do telejornalismo, seu aproveitamento pedagógico demanda propostas que estimulem a observação crítica da linguagem, das formas de comunicação e das diferentes vozes presentes na construção da notícia.

Nessa direção, Ourofino (2005, p. 29) defende que a escola deve intensificar o diálogo entre cultura escolar e cultura midiática, promovendo o contato dos estudantes com diferentes linguagens e possibilidades de leitura do mundo. Essa aproximação é especialmente relevante no desenvolvimento de uma educação linguística crítica, capaz de fomentar discussões sobre a diversidade cultural e linguística presente na sociedade. Ao incorporar ao ambiente escolar conteúdos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, como os telejornais, torna-se possível analisar usos reais da língua e problematizar concepções homogêneas sobre o português brasileiro, favorecendo a valorização da diversidade linguística.

Para além da observação de sotaques e regionalismos, os estudantes podem compreender que a língua portuguesa é constituída por múltiplas variedades legítimas, utilizadas de acordo com diferentes contextos de interação. O telejornalismo, nesse sentido, apresenta potencial para promover uma educação linguística crítica, favorecendo discussões sobre variação linguística, adequação comunicativa e preconceito linguístico. Ao aproximar os conteúdos escolares de práticas comunicativas presentes no cotidiano dos alunos, os materiais telejornalísticos contribuem para uma compreensão mais ampla da língua como fenômeno social e cultural, colaborando para os objetivos do ensino de Língua Portuguesa e para o reconhecimento da pluralidade linguística brasileira.

Diante das discussões apresentadas até aqui, que abordam o telejornalismo e suas relações com o ensino de variação linguística, este trabalho volta-se, a partir deste ponto, para a análise dos dados construídos no contexto da pesquisa. Considerando que o estudo foi desenvolvido com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que os estudantes têm contato inicial e ampliado com reflexões sobre a língua e suas diferentes formas de uso, a seção seguinte dedica-se à apresentação e à discussão das respostas obtidas junto aos participantes, buscando compreender como esses sujeitos se posicionam diante dos conteúdos jornalísticos trabalhados em sala de aula.

4 O USO DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Com base em tudo isso, as práticas pedagógicas para este estudo foram planejadas com o objetivo de aproximar os estudantes de situações reais de uso da

língua, utilizando o telejornalismo como ponto de partida para discussões sobre variação linguística. Para isso, foram selecionados conteúdos produzidos por jornalistas vinculados a diferentes praças⁴ da TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado. Os materiais exibidos contaram com a participação da jornalista Beatriz Oliveira, natural de Sento-Sé e vinculada à TV São Francisco, em Juazeiro; Jéssica Senra, jornalista natural de Salvador; e Judson Almeida, natural de Jequié e integrante da TV Sudoeste, sediada em Vitória da Conquista. A escolha desses profissionais⁵ teve como propósito apresentar aos estudantes diferentes formas de realização da língua dentro do próprio estado da Bahia, evidenciando a diversidade linguística presente em contextos geograficamente próximos.

A seleção das praças televisivas também considerou sua distribuição geográfica dentro do território baiano. Salvador, Juazeiro e Vitória da Conquista localizam-se em regiões distintas do estado, abrangendo diferentes contextos históricos, culturais e sociolinguísticos (Figura 1). Neste mapa, a cidade de Canarana (local onde está a escola em que foram realizadas as entrevistas) também foi inserida para fins de localização. Tal escolha foi intencional, uma vez que a distância entre essas localidades amplia a possibilidade de ocorrência de marcas linguísticas regionais perceptíveis pelos estudantes, favorecendo a observação de diferentes sotaques e modos de falar sem que fosse necessário recorrer a materiais produzidos em outros estados brasileiros.

Figura 1 - Praças da Rede Bahia (Globo Bahia) pelo estado

⁴ No jargão televisivo, "praça" refere-se à área de cobertura de uma emissora de televisão. Nesta pesquisa, foram selecionadas praças vinculadas à Rede Globo de Televisão, a maior emissora do país e uma das maiores do mundo (Terra, 2025, s.p.)

⁵ Os profissionais foram escolhidos considerando não apenas a localização da emissora, mas também o fato de pertencerem ao mesmo telejornal, o *Bahia Meio Dia*, produzido em diferentes regiões da Bahia. Essa escolha buscou garantir uma comparação mais equilibrada, pois, apesar de atuarem em localidades distintas, os jornalistas seguem uma proposta de produção semelhante. Dessa forma, foi possível observar as características da fala desses profissionais em contextos próximos de atuação, contribuindo para a análise dos aspectos relacionados à variação linguística.



Fonte: elaborada pelo autor a partir de Inteligência Artificial (IA) (2026).

Após a definição dos materiais telejornalísticos, foi elaborado um roteiro de perguntas⁶ destinado à realização de uma sondagem inicial com os estudantes⁷. Esse instrumento teve como objetivo identificar conhecimentos prévios relacionados ao telejornalismo, aos hábitos de consumo de conteúdos jornalísticos e às percepções dos alunos sobre sotaques, formas de falar e diversidade linguística. As perguntas foram feitas de forma individual e respondidas oralmente, com registro das respostas por meio de anotações, possibilitando o levantamento de informações que serviram de base para o planejamento das atividades posteriores e para a comparação com os resultados obtidos ao final das aulas⁸.

Na etapa seguinte, foram desenvolvidas duas aulas⁹ expositivas voltadas à apresentação dos conceitos de variação linguística, sotaque e gíria, tomando como referência os conteúdos telejornalísticos previamente selecionados. Na escolha dos

⁶ Ressalta-se que os roteiros de perguntas aplicados aos estudantes foram elaborados com base, também, em questões construídas por Santos (2010) em sua pesquisa de mestrado intitulada “Procedimentos pedagógicos para abordar a variação linguística a partir de programa assistido por alunos do ensino fundamental”.

⁷ A coleta de dados foi realizada com autorização da direção escolar, considerando que o pesquisador também é o professor da turma participante. Por orientação da escola e em razão de os estudantes serem menores de idade, não houve gravação dos depoimentos. Os registros foram feitos individualmente por meio de anotações do professor-pesquisador durante a aplicação do instrumento.

⁸ As questões das entrevistas pré e pós-aulas expositivo-dialogadas estão alocadas no tópico de apêndices deste trabalho.

⁹ As aulas foram desenvolvidas em horário regular da disciplina de Língua Portuguesa, ministrada na instituição pelo pesquisador deste estudo, aproveitando o momento em que se trabalhava “Gêneros Jornalísticos”. Nesse sentido, destaca-se que as duas aulas desta pesquisa tiveram duração de 1h40min no total (50min cada).

materiais, buscou-se priorizar vídeos produzidos nos últimos cinco anos e que apresentassem os referidos jornalistas em situação de apresentação ou condução da notícia, de modo a favorecer a observação mais direta de aspectos relacionados à oralidade. Durante as aulas, os estudantes assistiram aos materiais audiovisuais e foram incentivados a observar elementos como pronúncia, entonação, ritmo da fala e possíveis marcas regionais presentes na comunicação dos profissionais, estabelecendo relações entre os exemplos apresentados e os conceitos discutidos em sala. Os conteúdos utilizados nessa etapa encontram-se sistematizados no Quadro 2.

Quadro 2 - Conteúdos telejornalísticos utilizados durante as práticas pedagógicas

Jornalista	Praça (emissora)	Cidade referência	Ano	Fonte/Link
Beatriz Oliveira	TV São Francisco	Juazeiro	2025	Instagram https://www.instagram.com/reel/DSA8OU8kW_a/
Jéssica Senra	TV Bahia	Salvador	2022	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=ZNFEpPpPxLw
Judson Almeida	Tv Sudoeste	Vitória da Conquista	2025	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=PK2zy5MIP7Y

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Concluídas as atividades, foi aplicado um segundo roteiro de perguntas semiestruturadas, com aplicação e registro da mesma forma que o inicial, elaborado com o objetivo de compreender as percepções dos estudantes após as aulas expositivo-dialogadas. Essa etapa buscou verificar se a utilização de conteúdos telejornalísticos contribuiu para a introdução das discussões sobre variação linguística e para a ampliação da percepção dos alunos acerca da diversidade linguística presente no português brasileiro.

Dessa forma, com o objetivo de analisar as percepções dos estudantes antes e após as aulas expositivo-dialogadas, as respostas obtidas por meio dos roteiros de perguntas foram organizadas em três categorias de análise. A primeira, “Percepções iniciais sobre telejornalismo e diversidade linguística”, reúne as concepções prévias dos participantes acerca dos conteúdos jornalísticos, dos sotaques e das diferentes formas de uso da língua. A segunda, “O telejornalismo como espaço de observação da variação linguística”, contempla as percepções dos estudantes durante o contato

com os materiais audiovisuais, especialmente no que se refere à identificação de marcas linguísticas presentes na fala dos jornalistas. Por fim, a categoria “Contribuições do telejornalismo para a compreensão da diversidade linguística” busca analisar as percepções construídas após as exposições orais considerando as potencialidades dos conteúdos telejornalísticos para a introdução das discussões sobre variação linguística e para o desenvolvimento de uma educação linguística crítica no contexto do Ensino Fundamental II.

4.1 Percepções iniciais e reconhecimento da diversidade linguística

A análise das respostas obtidas na etapa inicial da pesquisa permitiu compreender as concepções prévias dos estudantes acerca do telejornalismo, dos meios de comunicação e das diferentes formas de uso da língua. Antes da realização das aulas expositivo-dialogadas, observou-se que a maioria dos participantes já possuía algum grau de familiaridade com conteúdos jornalísticos, ainda que nem sempre utilizassem a denominação "telejornalismo" para se referir a esse tipo de produção. Em suas respostas, os alunos associaram os telejornais principalmente à transmissão de notícias e informações sobre acontecimentos do cotidiano, demonstrando reconhecer sua função social como meio informativo. Esse resultado sugere que o gênero telejornalístico já fazia parte do repertório cultural dos estudantes, aspecto importante para o planejamento e o desenvolvimento das aulas que aconteceriam posteriormente.

As respostas também revelaram a forte presença dos meios de comunicação no cotidiano dos participantes. Embora a televisão continue sendo mencionada como fonte de informação, diversos estudantes relataram consumir conteúdos jornalísticos por meio de plataformas digitais e redes sociais, evidenciando transformações nos hábitos de acesso à informação. Tal dado reforça as discussões apresentadas anteriormente sobre a adaptação do telejornalismo à era digital, na qual reportagens e conteúdos jornalísticos ultrapassam os limites da transmissão televisiva tradicional e passam a circular em diferentes ambientes digitais. Nesse sentido, observa-se que o contato dos estudantes com o telejornalismo não ocorre exclusivamente pela televisão, mas também por meio das múltiplas formas de circulação da informação contemporânea.

No que se refere especificamente à diversidade linguística, os dados iniciais indicaram que os estudantes já possuíam percepções intuitivas sobre a existência de diferentes formas de falar. Em diversas respostas, surgiram referências a sotaques, expressões regionais e diferenças observadas entre pessoas de localidades distintas. Ainda que muitos alunos não dominassem os conceitos teóricos relacionados à variação linguística, demonstraram reconhecer empiricamente que a língua se manifesta de maneiras diferentes conforme o contexto social e geográfico dos falantes. Essa percepção inicial dos estudantes dialoga com a compreensão de Bagno (2007), para quem a língua não constitui um sistema homogêneo e estável, como salientado anteriormente, mas um fenômeno marcado pela diversidade dos falantes e pelos diferentes contextos sociais em que se realiza.

Entretanto, a análise das respostas também revelou limitações na compreensão desses fenômenos. Em alguns casos, as diferenças linguísticas foram explicadas apenas pela ideia de "jeito de falar" de cada pessoa, sem que os estudantes conseguissem relacioná-las a fatores sociais, culturais ou regionais mais amplos. Essa compreensão inicial, ainda pouco sistematizada, pode ser relacionada aos estudos sociolinguísticos de Labov (2008), que demonstram que a variação linguística não ocorre de forma aleatória, mas está associada a fatores sociais e às diferentes comunidades de fala. Tal resultado era esperado, considerando que a sondagem foi realizada antes da apresentação dos conceitos de variação linguística, sotaque e gíria. Dessa forma, as respostas iniciais permitiram identificar percepções espontâneas dos participantes, fornecendo um panorama importante sobre os conhecimentos que possuíam antes das aulas com o uso do telejornalismo.

Outro aspecto observado refere-se à forte associação entre variação linguística e sotaque. Quando questionados sobre diferenças na fala das pessoas, os estudantes frequentemente mencionavam o sotaque como principal elemento distintivo. Embora essa associação não seja incorreta, ela demonstra uma compreensão ainda parcial do fenômeno, uma vez que a variação linguística envolve múltiplas dimensões, incluindo aspectos lexicais, sociais, situacionais e culturais. Esse resultado reforça a importância de ações pedagógicas que ampliem a compreensão dos estudantes acerca da complexidade das manifestações linguísticas presentes na sociedade.

As respostas iniciais também evidenciaram que a percepção da diversidade linguística estava fortemente relacionada às experiências pessoais dos participantes. Muitos estudantes recorreram a exemplos observados em seu cotidiano,

mencionando diferenças entre cidades, regiões ou grupos de pessoas com os quais já haviam tido contato. Essa característica demonstra que a compreensão da linguagem não se constrói apenas por meio do ensino formal, mas também a partir das interações sociais vivenciadas pelos sujeitos. Essa relação entre língua e experiência social dos falantes reforça a compreensão sociolinguística de que os usos linguísticos são construídos nas interações e nas práticas sociais dos indivíduos (Labov, 2008). Conforme argumenta Bagno (2007), a língua está diretamente relacionada à realidade social dos falantes, refletindo suas experiências, identidades e formas de inserção na comunidade linguística.

De modo geral, os resultados da sondagem inicial indicam que os estudantes já reconheciam a existência de diferentes formas de falar, embora ainda apresentassem compreensões predominantemente intuitivas sobre os fenômenos relacionados à variação linguística. Tal cenário mostrou-se particularmente favorável para o desenvolvimento das aulas expositivo-dialogadas, uma vez que permitiu partir de conhecimentos já presentes no repertório dos alunos para aprofundar discussões sobre diversidade linguística, identidade cultural e usos da língua em contextos reais de comunicação. Assim, a etapa inicial da pesquisa não apenas possibilitou mapear as percepções dos participantes, mas também forneceu elementos fundamentais para a construção das atividades que seriam desenvolvidas ao longo da pesquisa.

4.2 O telejornalismo como recurso para observação dos usos reais da língua

A utilização de conteúdos telejornalísticos durante as aulas expositivo-dialogadas permitiu que os estudantes observassem a língua em funcionamento em situações concretas de comunicação. Diferentemente de exemplos descontextualizados frequentemente encontrados em atividades tradicionais de ensino, os vídeos apresentados colocaram os alunos em contato com usos reais da língua produzidos por jornalistas inseridos em diferentes contextos socioculturais do estado da Bahia.

Essa estratégia metodológica aproxima-se das reflexões de Marcuschi (2008), para quem o ensino de Língua Portuguesa deve privilegiar gêneros textuais efetivamente presentes nas práticas sociais, favorecendo a compreensão da linguagem em seus contextos reais de produção e circulação. Nesse sentido, o telejornalismo constituiu um gênero particularmente relevante, pois possibilitou que os

estudantes observassem fenômenos de variação linguística a partir de situações autênticas de comunicação.

As respostas obtidas após a exposição dos conteúdos demonstram que os estudantes passaram a direcionar sua atenção para aspectos linguísticos que, em um primeiro momento, não costumavam observar durante o consumo de notícias. Quando questionados sobre as diferenças percebidas entre os jornalistas, os participantes não se limitaram a mencionar a existência de sotaques, mas passaram a identificar elementos relacionados à pronúncia, à entonação, ao ritmo da fala e às escolhas linguísticas utilizadas pelos profissionais. Uma estudante (E1, 11 anos)¹⁰ por exemplo, afirmou que percebeu que "alguns falavam 'minha gente', enquanto outros falavam de forma diferente", acrescentando que "o jeito de falar também variava". Outra aluna (E2, 12 anos), destacou que alguns jornalistas utilizavam a expressão "minha gente", enquanto outros preferiam "pessoal" ou expressões semelhantes, evidenciando que sua observação ultrapassou aspectos exclusivamente fonéticos e alcançou também escolhas lexicais e discursivas.

Essas percepções dialogam diretamente com as discussões de Bagno (2007), ao afirmar que a variação linguística manifesta-se em diferentes níveis da língua e constitui uma característica inerente ao português brasileiro. Ao reconhecerem diferenças de pronúncia, expressões regionais, formas de tratamento e estilos de apresentação, os estudantes demonstraram compreender, ainda que de forma inicial, que a diversidade linguística não se restringe ao sotaque, mas envolve múltiplas formas de realização da linguagem. Esse resultado evidencia que o telejornalismo possibilitou observar a heterogeneidade da língua em funcionamento, rompendo com uma visão homogênea frequentemente associada ao português padrão.

Outro aspecto bastante significativo refere-se ao fato de que os estudantes identificaram diferenças linguísticas entre jornalistas pertencentes ao mesmo estado. A seleção de profissionais das praças de Salvador, Juazeiro e Vitória da Conquista permitiu evidenciar que a diversidade linguística também se manifesta dentro da Bahia. Essa percepção aparece claramente na resposta da E1, ao afirmar que o aspecto mais interessante das atividades foi perceber "que os jornalistas eram da

¹⁰ Informa-se que os estudantes estão sendo identificados aqui pela letra E (inicial de estudante) mais um número com o objetivo de garantir o anonimato dos alunos que contribuíram com o estudo. Essa perspectiva foi previamente explicada e acordada por eles.

Bahia, mas falavam de maneiras diferentes". Da mesma forma, outra estudante (E4, 11 anos) concluiu que "cada lugar tem sua própria maneira de falar" .

Esses depoimentos demonstram que as aulas utilizando o telejornalismo contribuíram para desconstruir a ideia de que as diferenças linguísticas ocorrem apenas entre estados ou regiões distantes, aproximando os estudantes da realidade sociolinguística do próprio território baiano. Esse resultado ganha ainda mais relevância quando se considera que a seleção dos materiais privilegiou exclusivamente jornalistas baianos, permitindo aos participantes perceberem que a diversidade linguística não está restrita às comparações entre diferentes regiões do país, mas constitui uma característica presente também no interior de uma mesma unidade federativa. Dessa forma, a atividade favoreceu uma compreensão mais ampla da variação linguística como fenômeno inerente à língua, em consonância com a perspectiva defendida por Bagno (2007), para quem a heterogeneidade linguística reflete a própria diversidade social e cultural dos falantes.

Os resultados também permitem problematizar uma concepção historicamente associada ao telejornalismo brasileiro: a de que os jornalistas falam de maneira uniforme ou neutra. Conforme discutido por Mendes (2006), as grandes emissoras investiram, durante décadas, na padronização da pronúncia de seus profissionais. Entretanto, os materiais selecionados para esta pesquisa evidenciaram que a presença de jornalistas oriundos de diferentes regiões favorece a circulação de distintas marcas linguísticas na televisão. Essa característica foi percebida pelos próprios estudantes. A E5 (11 anos) destacou diferenças na pronúncia de algumas palavras e afirmou que "o jeito de falar da jornalista Beatriz chamou minha atenção", enquanto um outro estudante (E6, 11 anos) observou que "os moradores de Salvador falam de forma mais alegre". Embora essas interpretações sejam subjetivas, revelam que os alunos passaram a perceber nuances linguísticas antes invisibilizadas pelo consumo habitual dos telejornais.

Outro dado relevante diz respeito ao reconhecimento da legitimidade das diferentes formas de falar. Quando questionados se existia apenas um jeito correto de falar português, a maioria respondeu negativamente, relacionando essa compreensão às observações realizadas durante as aulas. Um estudante (E7, 11 anos), por exemplo, afirmou que "não, porque percebi que todos tinham sotaques diferentes" , enquanto a E8 (11 anos) respondeu que "tem vários jeitos de falar português e várias pessoas falam de formas diferentes" . Ainda que algumas respostas revelem

permanências da concepção normativa — como a da A4, que continuou afirmando existir um único jeito correto de falar português —, o conjunto dos dados indica avanços importantes na compreensão da diversidade linguística. Esses resultados reforçam as discussões de Bagno (2007) sobre a necessidade de superar concepções que associam determinadas variedades linguísticas a formas "certas" ou "erradas" de falar.

Por fim, as entrevistas revelam que o telejornalismo deixou de ser percebido apenas como um meio de transmissão de notícias para tornar-se objeto de análise linguística. Ao serem convidados a observar conscientemente a fala dos jornalistas, os estudantes passaram a assumir uma postura investigativa diante dos conteúdos midiáticos, produzindo interpretações próprias sobre as formas de uso da língua. Esse movimento aproxima-se das reflexões de Fischer (2001, p.6), segundo as quais os espectadores não ocupam uma posição passiva diante da televisão, mas constroem sentidos a partir dos conteúdos que assistem. No contexto desta pesquisa, essa construção de sentidos ocorreu por meio da observação crítica das diferentes vozes presentes nos telejornais, evidenciando que o gênero pode constituir um importante recurso para aproximar o ensino de Língua Portuguesa das práticas sociais de linguagem e favorecer uma educação linguística crítica.

4.3 Contribuições do telejornalismo para a compreensão da diversidade linguística

A comparação entre as respostas obtidas antes e após as aulas expositivo-dialogadas evidencia que o contato mediado com conteúdos telejornalísticos favoreceu a introdução conteudista e avanços na compreensão dos estudantes acerca da diversidade linguística. Ainda que não seja possível afirmar uma mudança conceitual plena em um período curto de didáticas pedagógicas específicas sobre o assunto, os dados indicam que os participantes passaram a mobilizar conhecimentos mais consistentes sobre a existência de diferentes formas de uso da língua, reconhecendo que essas diferenças não representam desvios ou incorreções, mas manifestações próprias da variação linguística. Tal resultado responde ao objetivo central desta pesquisa, ao demonstrar que o telejornalismo pode constituir-se como um recurso pedagógico significativo para a introdução dessa temática no 6º ano do Ensino Fundamental.

Essa mudança torna-se evidente quando se observam as respostas relacionadas à ideia de um único "jeito correto" de falar português. Enquanto, na sondagem inicial, parte dos estudantes apresentava uma compreensão mais próxima da perspectiva normativa, após as aulas sobre variação linguística, com o uso do telejornalismo, predominou o reconhecimento de que diferentes formas de falar coexistem e são influenciadas por fatores sociais, culturais e regionais. Um dos participantes (E9, 11 anos), por exemplo, afirmou que "tem vários jeitos de falar português e várias pessoas falam de formas diferentes", enquanto outro estudante (E10, 12 anos) destacou que "cada lugar tem seu jeito de falar". Essas respostas aproximam-se da perspectiva defendida por Bagno (2007), para quem a heterogeneidade constitui uma característica inerente às línguas naturais e deve ser compreendida como expressão da diversidade dos grupos sociais, e não como um problema a ser corrigido.

Outro aspecto relevante refere-se ao fato de que os estudantes passaram a compreender que a variação linguística pode ser observada em contextos cotidianos e próximos de sua realidade. Ao reconhecerem diferenças entre jornalistas que representam Salvador, Juazeiro e Vitória da Conquista, os participantes demonstraram superar a percepção inicial de que as diferenças linguísticas estariam restritas às grandes regiões do país. Um dos estudantes (E10, 11 anos) afirmou que o aspecto mais interessante das atividades foi perceber que "os jornalistas eram da Bahia, mas falavam diferente", evidenciando que as aulas com conteúdos telejornalísticos possibilitaram ampliar a percepção sobre a diversidade linguística existente no próprio estado. Esse resultado reforça a importância da escolha metodológica de utilizar materiais produzidos em diferentes praças da TV Bahia, aproximando o objeto de estudo do universo sociocultural dos estudantes.

Mais do que favorecer a observação de diferentes formas de falar, as aulas pensadas com telejornais contribuíram para que os estudantes atribuíssem novos significados à diversidade linguística. As respostas produzidas após as aulas indicam que os participantes passaram a compreender que as diferenças identificadas entre os jornalistas não representavam erros ou desvios da norma, mas manifestações legítimas da língua em uso. Essa mudança de perspectiva constitui um dos principais resultados da pesquisa, pois demonstra que o telejornalismo pode atuar como mediador na construção de uma educação linguística que valorize a diversidade, em

consonância com as proposições de Bagno (2007) e com as orientações da BNCC (Brasil, 2018).

Sob essa perspectiva, os resultados indicam que a utilização de conteúdos telejornalísticos favoreceu o desenvolvimento de competências previstas para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, especialmente aquelas relacionadas ao reconhecimento da diversidade linguística e à análise da oralidade em diferentes contextos de uso. Ao observarem situações reais de comunicação, os estudantes passaram a mobilizar conhecimentos que extrapolam a memorização de conceitos, aproximando-se das habilidades propostas pela BNCC (Brasil, 2018), como a identificação de marcas de variação linguística, a reflexão sobre adequação comunicativa e a valorização das diferentes variedades do português brasileiro. Dessa forma, a proposta didática demonstrou que o telejornalismo pode constituir uma estratégia metodológica capaz de favorecer uma aprendizagem contextualizada e socialmente significativa.

As evidências produzidas ao longo da pesquisa também corroboram as orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), especialmente no que se refere às habilidades EF69LP50, EF69LP52, EF69LP55 e EF69LP56. Ao analisar a oralidade presente nos conteúdos telejornalísticos, identificar marcas de variação linguística, refletir sobre adequação comunicativa e reconhecer a legitimidade das diferentes variedades do português brasileiro, os estudantes desenvolveram competências previstas para essa etapa da escolarização. Dessa forma, o telejornalismo mostrou-se não apenas um recurso complementar às aulas de Língua Portuguesa, mas um instrumento capaz de favorecer a concretização das competências e habilidades propostas pela BNCC por meio de situações contextualizadas e socialmente significativas.

Diante desses resultados, considera-se que o telejornalismo apresenta potencial para integrar práticas pedagógicas voltadas ao ensino de variação linguística, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental II. Sua utilização possibilita aproximar conceitos sociolinguísticos da realidade dos estudantes, favorecendo a observação da língua em uso, a valorização da diversidade linguística e o desenvolvimento de uma educação linguística crítica. Embora as expositivo-dialogadas tenham ocorrido em um período relativamente curto e com um número limitado de participantes, as evidências encontradas demonstram que a mediação docente, associada ao uso de conteúdos telejornalísticos, contribuiu para ampliar a

percepção dos estudantes acerca da heterogeneidade do português brasileiro, respondendo de maneira positiva à questão norteadora desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa têm evidenciado, nas últimas décadas, a necessidade de superar práticas centradas exclusivamente na norma-padrão e de promover uma compreensão da língua como fenômeno social, histórico e heterogêneo. Partindo dessa perspectiva, este estudo buscou investigar em que medida o telejornalismo pode constituir um recurso pedagógico para a introdução dos estudos sobre variação linguística no Ensino Fundamental II. Ao utilizar conteúdos produzidos por diferentes praças da TV Bahia, a pesquisa procurou aproximar os estudantes de situações reais de uso da língua, possibilitando que a diversidade linguística fosse observada em contextos concretos de comunicação.

Os resultados obtidos permitiram responder positivamente à questão norteadora desta pesquisa, que buscou compreender em que medida o telejornalismo pode contribuir para a compreensão e problematização da variação linguística por estudantes do Ensino Fundamental II. A comparação entre as entrevistas realizadas antes e após as aulas expositivo-dialogadas evidenciou avanços na percepção dos estudantes acerca da diversidade linguística, especialmente no reconhecimento de que diferentes formas de falar coexistem de maneira legítima e refletem aspectos históricos, culturais e regionais dos falantes. Além disso, verificou-se que os participantes ampliaram sua compreensão sobre o próprio telejornalismo, passando a percebê-lo não apenas como um meio de transmissão de notícias, mas também como um espaço em que circulam diferentes manifestações da língua portuguesa.

Nesse sentido, a pesquisa reforça o potencial pedagógico do telejornalismo como ferramenta metodológica para o ensino da Língua Portuguesa. Mais do que ilustrar conteúdos previamente apresentados, os materiais jornalísticos possibilitaram que os conceitos de variação linguística fossem construídos a partir da observação da língua em uso, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e significativa. Tal resultado aproxima-se das orientações da BNCC, que propõe o desenvolvimento de práticas de análise linguística voltadas ao reconhecimento da diversidade, da adequação comunicativa e da valorização das diferentes variedades do português brasileiro.

Outro aspecto relevante refere-se à possibilidade de utilização do telejornalismo como instrumento de promoção de uma educação linguística crítica. Ao reconhecerem que jornalistas naturais de diferentes regiões da Bahia apresentavam distintas formas de falar, os estudantes passaram a compreender que a diversidade linguística está presente também em espaços próximos à sua realidade. Essa constatação contribui para o enfrentamento de concepções que associam determinadas variedades linguísticas a formas inferiores ou inadequadas de uso da língua, favorecendo o respeito à pluralidade linguística e cultural que caracteriza a sociedade brasileira.

Entretanto, os resultados deste estudo devem ser compreendidos à luz de suas limitações. A proposta pedagógica foi desenvolvida em um curto período de tempo, com estudantes de uma única escola pública do interior da Bahia e em apenas uma turma do 6º ano, o que não permite generalizações para outros contextos educacionais. Além disso, a pesquisa concentrou-se na utilização de conteúdos provenientes de uma única emissora de televisão, aspecto que pode ser ampliado em investigações futuras mediante a inclusão de materiais produzidos por diferentes redes de comunicação e por veículos digitais de natureza diversa.

Além dos resultados obtidos, esta pesquisa evidencia possibilidades para o desenvolvimento de estudos que aprofundem a utilização do telejornalismo no ensino de variação linguística. Considera-se especialmente relevante a realização de investigações de maior duração, acompanhando turmas em anos sequenciais do Ensino Fundamental, de modo a analisar como o trabalho contínuo com conteúdos telejornalísticos pode contribuir para a consolidação da educação linguística. Do mesmo modo, sugere-se o aprofundamento de estudos voltados aos aspectos fonético-fonológicos da língua, explorando de forma mais sistemática fenômenos relacionados aos sotaques, à prosódia e às diferentes realizações sonoras do português brasileiro presentes no telejornalismo.

Cabe reconhecer, ainda, que a utilização do telejornalismo em sala de aula também enfrenta desafios relacionados às atuais formas de consumo de informação pelos estudantes. Em um contexto marcado pela predominância das redes sociais e pela circulação de vídeos curtos, a seleção de conteúdos telejornalísticos exige do professor um planejamento criterioso, que considere tanto a duração dos materiais quanto sua capacidade de despertar o interesse dos alunos e promover reflexões significativas. Esse cenário evidencia a necessidade de adaptar as práticas

pedagógicas às dinâmicas contemporâneas de consumo midiático, preservando o potencial do telejornalismo como recurso para a promoção de uma educação linguística crítica e contextualizada.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para ampliar as discussões sobre o ensino de variação linguística na Educação Básica e incentive o desenvolvimento de novas pesquisas que articulem linguagem, mídia e práticas pedagógicas. Sugere-se que estudos futuros investiguem os efeitos de propostas didáticas de maior duração, envolvendo diferentes etapas da escolarização e distintos gêneros jornalísticos, de modo a aprofundar a compreensão sobre as potencialidades do telejornalismo no ensino de Língua Portuguesa. Espera-se, assim, que esta pesquisa possa estimular novas possibilidades de utilização de conteúdos telejornalísticos em sala de aula, fortalecendo práticas de ensino comprometidas com a valorização da diversidade linguística e com a formação de estudantes críticos diante dos usos da linguagem e dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

A TV NA BAHIA. **Escalada do "Bahia Meio-Dia" da Rede Bahia com Jéssica Senra (15/10/2022).**

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BONNER, William. **Jornal nacional**: modo de fazer. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

COSTA, Sérgio Roberto. **Linguagem e educação**: práticas de leitura e escrita na escola. São Paulo: Cortez, 2005.

ESCOLA FAUSTINIANO LOPES RIBEIRO. **Instagram**: @escola_faustiniano. Disponível em: https://www.instagram.com/escola_faustiniano/. Acesso em: 15 jun. 2026.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

INSTAGRAM. **Reel do Instagram**. Instagram: @jornalistabaiano; @redutojornalistico, 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DSA8OU8kW_a/. Acesso em: 15 de jun. 2026.

INSTAGRAM. **Reel do Instagram**. Instagram: @jornalistabaiano; @redutojornalistico, 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DSA8OU8kW_a/. Acesso em: 15 de jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção da população**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2026.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIRA, Zulina de S.; RAMOS, Luciana de M.; ROAZZI, Antonio. 2015. **Sotaque e telejornalismo**: representações de comunicadores de mídia nordestinos. Rev. CEFAC [online]. 2015, vol.17, n.6, p.1987-1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n6/1982-0216-rcefac-17-06-01987.pdf>. Acesso em: maio. 2026.

MENDES, Conrado M. **O falar do Jornal Nacional**: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica (2006). (Monografia) Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OUROFINO, Maria Inês. **Mídia e educação**: novos olhares para a prática pedagógica. São Paulo: Paulinas, 2005.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Platformisation**. *Internet Policy Review*, Berlin, v. 8, n. 4, p. 1-13, 2019. DOI: 10.14763/2019.4.1425.

PONTO MAP; V-TRACKER. **Credibilidade das Mídias 2025**. Divulgação pelo Ministério das Comunicações. Brasília: Ministério das Comunicações, 2025. Disponível em: Portal Gov.br – Jornalismo profissional e rádio têm mais credibilidade com os brasileiros, diz pesquisa. Acesso em: 10 jun. 2026.

PRIOLLI, Gabriel. **Televisão e cultura no Brasil**. São Paulo: (editora varia conforme edição), 2000.

SANTOS, Marta Maria Minervino dos. **Procedimentos pedagógicos para abordar a variação linguística a partir de programa assistido por alunos do ensino fundamental**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

TERRA. **Estas são as redes de TV com as maiores audiência no mundo**: Globo no Top 10. Terra Notícias, 23 nov. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estas-sao-as-redes-de-tv-com-as-maiores-audiencia-no-mundo-globo-no-top10,0506fa2e9ce91ffeb7d6d458de7aff24s7hw9lq7.html>. Acesso em: 23 jun. 2026.

Referência: WITT ULRICH, Camila; TORNQUIST MAZZAFERRO, Gabriela; SIMIONI, Leonor. **Oportunidades perdidas**: uma análise da variação linguística em livros didáticos. *Entretextos*, Londrina, v. 23, n. 3, p. 06–27, 2023. DOI: 10.5433/1519-5392.2023v23n3p06-27. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/49393>. Acesso em: 18 jul. 2026.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA INICIAL

Roteiro de Entrevistas Semiestruturadas

Entrevistas Iniciais (Antes das aulas expositivo-dialogadas)

1. Você acha que as pessoas de todas as cidades da Bahia falam do mesmo jeito ou de jeitos diferentes? Pode dar algum exemplo?
2. Você já ouviu alguém falar uma palavra diferente da que você costuma usar? Qual palavra?
3. Se uma pessoa chegar aqui na escola falando de um jeito diferente do seu, o que você pensaria?
4. Você acha que existe um jeito certo e um jeito errado de falar português? Por quê?
5. Na sua casa ou entre seus amigos, vocês usam palavras ou expressões que talvez pessoas de outras cidades não usem? Quais?
6. Você costuma assistir televisão para ver notícias? Quais programas ou telejornais?

7. Quando você vê um jornalista falando na televisão, acha que ele fala igual às pessoas da sua cidade ou de forma diferente? Explique.
8. Você acha que jornalistas de diferentes cidades da Bahia falam todos da mesma maneira?
9. Você acredita que é possível descobrir de onde uma pessoa é apenas ouvindo ela falar? Por quê?
10. O que você espera aprender assistindo a telejornais de diferentes regiões da Bahia?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA FINAL

Entrevistas Finais (após a aulas expositivo-dialogadas)

1. Depois de assistir aos telejornais, você continua achando que as pessoas de toda a Bahia falam do mesmo jeito? Por quê?
2. Quais diferenças você percebeu na fala dos jornalistas dos vídeos?
3. Teve alguma palavra, expressão ou jeito de falar que chamou sua atenção? Qual?
4. Algum dos jornalistas falava de um jeito parecido com o seu? Explique.
5. Agora você acha que existe apenas um jeito correto de falar português? Por quê?
6. O que você aprendeu sobre os diferentes modos de falar existentes na Bahia?
7. Os telejornais ajudaram você a perceber essas diferenças? Como?
8. Você gostou de aprender por meio de vídeos dos telejornais? Por quê?
9. O que você achou mais interessante nas atividades realizadas?
10. Você acha que outros assuntos da aula de Português poderiam ser ensinados usando vídeos de telejornais? Por quê?